



<https://doi.org/10.47456/simb.v13i2.54473>

Usos, pertencimentos e disputas: uma análise dos problemas públicos dos moradores do Centro de Vitória-ES

Uses, belongings and disputes: an analysis of the public problems from the residents of downtown Vitória-ES

Usos, pertenencias y disputas: un análisis de los problemas públicos de los residentes del centro de Vitória-ES

Manuela Vieira Blanc

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Bárbara Vitor de Aquino e Souza

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Lucas Torres Liguori Palhares

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Resumo Este artigo se debruça sobre as narrativas de um conjunto de atores politicamente atuantes, em suas trajetórias, sobre projetos de intervenção sobre os espaços públicos da região central da cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, as quais apontam para uma política de proximidade (Cefaï, 2016) na elaboração dos sentidos dos lugares expressos e que mobilizam seus engajamentos. As entrevistas, realizadas com moradores e ex-moradores, visavam compreender as trajetórias biográficas de membros ativos em práticas de mobilização comunitária e que compõem a arena pública de definição dos problemas do bairro e região. Essas entrevistas foram analisadas a partir do método da teoria fundamentada (Strauss & Corbin, 1990) e sob a perspectiva da sociologia dos problemas públicos (Cefaï, 2017; 2011a; 2011b). Para tanto, recorreremos a dados coletados através da observação de inspiração etnográfica e à realização de entrevistas semiestruturadas. Ao final, percebemos como o centro de Vitória-ES não é apenas um espaço de moradia para as pessoas, mas também um espaço de sociabilidade, cultivo e, por isso, ação política.

Palavras-chave: narrativa biográfica; arenas públicas; centro histórico; ação coletiva.



Abstract This article leans over the narratives of a group of political actors in their current, or past, social trajectories on projects of intervention over public spaces of the central region of Vitória, capital of the state of Espírito Santo. This narratives point towards the centrality of the affectionateness and the collective memories on the elaboration of the meanings of the expressed places and that they mobilize these actors involvement. The interviews, made with residents and former residents, aim to comprehend their trajectories on community mobilization practices that compose the public arena that defines the problems of the neighborhood and region. Those were analysed by the method of the grounded theory (Strauss & Corbin, 1990) under the perspective of the sociology of the public problems (Cefaï, 2017 ; 2011a; 2011b). Therefore we resort to collected data athwart the observation of ethnographic inspiration and conduction of semi-structured interviews. By the end, we realize that the downtown area of Vitória, Espírito Santo, is not merely a place where people live, but a space for social interaction, cultural enrichment, and, consequently, political action.

Keywords: biographical narrative; public arenas; historic distric; collective action.

Resumen Este artículo se centra en las narrativas de un conjunto de actores políticamente activos, en sus trayectorias y en proyectos de intervención sobre los espacios públicos de la región central de la ciudad de Vitória, capital del estado de Espírito Santo. Dichas narrativas apuntan hacia una política de proximidad (Cefaï, 2016) en la elaboración de los sentidos de los lugares expresados y que movilizan sus compromisos. Las entrevistas, realizadas con residentes y exresidentes, buscaban comprender las trayectorias biográficas de miembros activos en prácticas de movilización comunitaria que integran la arena pública de definición de los problemas del barrio y la región. Estas fueron analizadas a partir del método de la teoría fundamentada (Strauss & Corbin, 1990) y bajo la perspectiva de la sociología de los problemas públicos (Cefaï, 2017, 2011a, 2011b). Para ello, recurrimos a datos recolectados a través de la observación de inspiración etnográfica y la realización de entrevistas semiestructuradas. Al final, percibimos cómo el centro de Vitória-ES no es solo un espacio de vivienda para las personas, sino un espacio de sociabilidad, cultivo y, por tanto, de acción política.

Palabras clave: narrativa biográfica; arenas públicas; centro histórico; acción colectiva.

Recebido em 26-01-2026

Modificado em 04-03-2026

Aceito para publicação em 30-05-2026

Apresentação

Nosso espaço de observação trata-se do núcleo originário de ocupação urbana da cidade de Vitória. A trajetória do bairro (e da região que o circunda e que é percebida, no imaginário social local, como parte da sua fronteira simbólica) se assemelha, com suas devidas proporções, àquela que será observada em diferentes contextos urbanos latino-americanos e que é reflexo do “fracasso da vontade de reforma urbana”, ou da insuficiência dos modelos reformistas implementados a partir de meados do século XX, assim como o destacado por Gorelik (2005:128). O Centro de Vitória reflete os efeitos dos processos de expansão urbana da cidade e da descentralização dos investimentos, processos que incidiram sobre a sua desvalorização relativa, composição populacional e paisagem. Já a partir da década de 90, observamos a emergência de um novo modelo de gestão desse espaço, quando o bairro, que deixara de ocupar a posição de centralidade administrativa e de oferta de serviços, passou a ser valorizado pelo seu valor simbólico, histórico e patrimonial, simulacro de uma imagem de cidade (Néspoli & Blanc, 2016). Os investimentos direcionados ao bairro, de caráter infraestrutural, visando a higienização, o embelezamento e a modernização da cidade até a primeira metade do século, serão, nas duas décadas seguintes, substituídos por ações preservacionistas do patrimônio material e imaterial que ali se localiza (Blanc, 2021; Waldetário, 2009).

Ao iniciarmos os trabalhos de observação¹ de inspiração etnográfica na região, em 2014, chamou atenção a atuação de diferentes iniciativas comunitárias, sejam voltadas para a dinamização cultural do bairro, sejam relacionadas a ações intervencionistas diretas em função da manutenção dos seus espaços públicos. Ao longo dos últimos anos, observamos as disputas travadas por esses atores em favor da definição e publicização dos problemas do bairro, bem como seu empenho em promover as mudanças desejadas a partir da mobilização de esforços e o levantamento próprio de recursos. Interessa-nos neste artigo mapear a *Arena Pública* de definição dos problemas públicos do bairro e as modalidades de gestão do centro de Vitória-ES que estão em disputa.

Cefaï (2017:188) destaca que “uma situação torna-se problemática quando as reações habituais de um organismo às solicitações de seu ambiente já não proporcionam a satisfação de suas necessidades e de seus desejos”. Diante da crise que se instaura, inicia-se um processo de busca pela definição do problema que a produz. Essa indeterminação provoca “relações de tensão e conflito que não se resolvem por simples processos de acomodamento ou de assimilação” (Cefaï, 2017:189). O trabalho de definição da situação problemática que daí se segue envolve um esforço de resolução, nos termos do autor: os atores são movidos por uma busca de entendimento que lhes confere um poder de ação.

¹ No âmbito do Grupo de Pesquisa Diretório do CNPq Cidades, espaços públicos e periferias.

Ao longo do processo de coleta de dados, obtivemos indicativos de que a organização dos movimentos comunitários do bairro, nos moldes como observados na atualidade, foram potencializados a partir da criação da Associação de Moradores do Centro de Vitória (Amacentro) e das disputas que se seguiram pela gestão da sua diretoria – que, por um determinado período do tempo, centralizará a arena pública de definição dos problemas do bairro, sendo ainda o vetor da sua publicização em jornais e conselhos municipais locais.

Criada em 2010, a Associação de Moradores do Centro de Vitória (Amacentro) inicia a sua história como um movimento restrito aos seus associados. Segundo nossos interlocutores, seu estatuto original exigia, para a participação no pleito eleitoral, a prévia associação dos moradores, o que justificou a não homologação de uma chapa que visava a concorrência pela diretoria já em sua primeira eleição. Dessa forma, intensificaram-se os rumores quanto à legitimidade da instituição e a sua instrumentalização política em função de interesses pessoais do seu primeiro presidente, posteriormente eleito vereador municipal.

As disputas em torno da Associação naquele momento colocaram em questão a sua autonomia, acusando a articulação do seu ex-diretor com o poder público municipal como forma de cooptação do movimento de bairro. Paralelamente, ao longo desse mesmo período, diversas demandas comunitárias vinham sendo respondidas, como a criação da feira da rua sete. A mobilização popular avançou com a criação de iniciativas culturais e ações interventivas diretas. Em 2015, o público crítico ao modelo de gestão da Associação até então vigente conseguiu eleger a sua chapa e esse passou a ser um período efervescente para debates e ações, bem como para a promoção do bairro na agenda pública local. Foi a partir de então que iniciamos o processo de observação de inspiração etnográfica com esse conjunto de atores sociais articulados em diferentes iniciativas de intervenção sobre o bairro, promovidas ou apoiadas pela Amacentro.

A disputa pela instância de representação de moradores mobilizou um conjunto amplo de atores sociais locais, contribuindo para o estabelecimento de redes de relações por proximidade e para a definição dos problemas públicos do bairro. Cefai (2011b) destaca que as associações em geral são meios de sociabilidade que oferecem um observatório ideal da microssociologia das interações. Ao longo dos seus engajamentos em ações comunitárias (atividades políticas, culturais e de intervenção direta sobre o bairro que foram objeto de observação ao longo de sete anos no âmbito do “Cep 29: Núcleo capixaba de pesquisa da experiência humana em meio urbano”), esses atores constituíram *públicos* em torno da definição dos problemas do Centro de Vitória.

A definição de um problema público é indissociável de um emaranhado de estruturas de proximidade que contribuem com a constituição do próprio público. Ao compartilharem de um espaço de vivências e experiências, os indivíduos, conectados a

partir de redes de relações, têm a oportunidade de transpor seus problemas individuais a uma escala compartilhada. Nesses casos, demandas pessoais são transmutadas em questões coletivas, ajustadas a um sentido de bem comum. Segundo a perspectiva da qual partimos, a associação se dá enquanto prática de sociabilidade, de ação coletiva (Cefaï, 2011a).

Essas formas de associação estimulam as interações e podem motivar engajamentos, servem como palco para disputas que, emergindo da experiência vivida, podem convergir em direção à definição de problemas públicos. A função das associações vai ainda muito além disso:

As associações seriam, ainda, meios de realização de autonomia pessoal, de espaços de reciprocidade, de sociabilidade e de solidariedade e de redes de acumulação de capital social. Elas tirariam os indivíduos de seu isolamento, expandindo seus horizontes de experiência, multiplicando as ocasiões de encontro, transpassando as fronteiras simbólicas entre registros de atividades e das fronteiras sociais, religiosas ou culturais. Num plano mais político, as associações seriam os lugares privilegiados de exercício da cidadania: elas inculcariam os saberes, as virtudes e as competências cívicas e moldariam os regimes de engajamento de cidadãos. Elas lhes dariam a oportunidade de investigar e de experimentar, de comunicar e de raciocinar coletivamente (Cefaï, 2011b:12).

Reconhecemos, portanto, que nossos dados refletem relatos de atores que estabelecem (ou estabeleceram) uma relação com esse espaço que ultrapassa a experiência individual de moradia, circulação ou proveito. A seleção desses interlocutores de pesquisa se deu a partir de um trabalho de observação sistemática das práticas de intervenção sobre os espaços públicos do Centro de Vitória. Dois dos nossos entrevistados ocupavam posições de destaque na Associação de Moradores do Centro de Vitória quando entrevistados, atuando ainda em diferentes coletivos ou associações ativos no local. Três ocupavam cargos públicos no momento da realização das entrevistas: Isabel é representante eleita e compunha a câmara dos deputados estadual, Felipe exerce a função de Secretário Estadual de Cultura e Carla é funcionária efetiva da prefeitura de Vitória, todos participando da definição de estratégias de gestão que incidem sobre o bairro direta ou indiretamente. Os seis compartilham de experiências de moradia e circulação nessa área da cidade.

A análise dessas entrevistas, conduzida segundo os princípios da teoria fundamentada (Strauss & Corbin, 1990), permitiu não apenas reconstruir trajetórias biográficas individuais, mas apreender, a partir delas, os modos situados de produção e problematização da vida urbana. As narrativas evidenciam como esses atores, longe de ocuparem apenas uma posição de testemunha, participam ativamente da constituição de uma arena pública na qual se definem, hierarquizam e tornam visíveis certos problemas em detrimento de outros. Nesse sentido, observa-se que tais trajetórias se inscrevem em processos de publicização através dos quais experiências ordinárias são progressivamente formuladas como questões coletivas, passíveis de

intervenção. Esse movimento não se dá de forma homogênea, mas por meio de disputas, negociações e enquadramentos situados, nos quais se articulam repertórios morais, expectativas em relação ao poder público e diferentes formas de engajamento. Assim, mais do que refletirem uma realidade preexistente, as falas analisadas participam da própria construção dos problemas urbanos, contribuindo para a delimitação dos modos legítimos de ação e para a definição das fronteiras de pertencimento e intervenção no bairro.

Veremos nos tópicos seguintes o quanto a sua conexão com o bairro é representada por uma memória afetiva, a força das redes de relações estabelecidas neste espaço sendo destacada por todos. Em ao menos 4 narrativas essa vivência em comum é compreendida como base a um sentimento de pertencimento à comunidade local, motor aos engajamentos em ações que visam requalificar esse espaço e vetor de reflexões que contribuem para a definição dos problemas do bairro, bem como das estratégias para enfrentá-los.

Acessamos dados que refletem ainda uma conformação consoante da arena pública de definição dos problemas do bairro analisado. Blanc (2021) destacara, em análise do período que se estende desde então, como as disputas internas pela diretoria da associação de moradores é marcado pela emergência de um novo público, diretamente identificado com uma gramática de engajamento liberal dos interesses individuais (Cheyns & Thévenot, 2019) e que coloca em questão as percepções de bairro e modalidades de gestão defendida pelos atores cujos relatos são aqui analisados.

Partindo do princípio de que a cidade, como lugar de diversidade, comporta estilos de sociabilidade diversos, podemos sustentar, com o auxílio de Gomes (2007), que os modos de vida urbanos são também reflexo do crescimento e transformação da cidade ao longo do tempo e dos processos que envolvem essas contínuas reordenações. São ferramentas para a compreensão de como essas transformações se concretizam em experiências urbanas variadas, complexas e ricas, bem como pistas para o entendimento dos conflitos que emergem dessas novas configurações. Os centros históricos são percebidos como zonas de “contrastes sociais, demográficos e culturais”, ocupados por populações diversas em seus comportamentos, concepções e opiniões: “Frutos da densidade histórica do lugar, isto é, do modo como a história gera a sobreposição de processos, temporalidades, populações e grupos sociais, atividades e elementos culturais e simbólicos” (Gomes, 2007:5). Nossos dados, portanto, nos permitem remontar, através de trajetórias individuais, os efeitos das transformações do bairro ao longo das últimas décadas.

Agier (2011) destaca que os indivíduos interpretam os centros históricos não apenas como lugares de referência identitária, mas também enquanto um espaço vasto e indefinido, que provoca inquietude e surpresa. Interessa-nos, deste modo, identificar as experiências urbanas em coexistência e os possíveis conflitos que emergem dessas

relações, atentando para ambas as possibilidades, bem como suas possíveis gradações. Interessa-nos pensar como essas trajetórias biográficas se constroem através da mobilização coletiva e de disputas em torno de ideais de bem comum.

Trajetória biográfica no bairro e redes de proximidade

Izabel e Fernando são os moradores mais antigos do bairro entre os nossos interlocutores. Ela chegou no Centro ainda adolescente, ele ainda criança. Ambos são testemunhas dos processos de recomposição da população do bairro, ocorrida em torno dos anos 70, a partir do processo de expansão urbana da cidade de Vitória, o que incidiu sobre a drenagem e o aterro do litoral, desde a área central até a área leste da cidade, a criação de novos bairros de classe média e alta e a verticalização do Centro. Blanc (2021:176) destaca que “as mesmas políticas urbanas que irão promover a efetivação da região enquanto área central da cidade incidirão sobre a descentralização dos investimentos, dos órgãos públicos e de parte da população (incluindo as elites locais) para outras áreas da cidade”.

Izabel vivia em Minas Gerais até a década de 70, quando veio para o Espírito Santo para trabalhar. Morou em Vila Velha, e também na cidade de Serra², mas sempre trabalhou em Vitória. Ela diz que seu apreço pelo Centro se dá pelo fato de que ela “quer viver num lugar onde ela pode fazer tudo a pé e com calma”, mas as práticas de sociabilidade nos espaços públicos do bairro serão destacadas, por ela e pelos demais, como um diferencial:

Aí eu fui trabalhar, dali você conhece o cara do boteco, você conhece o cara da lanchonete, você conhece o cara dono da loja, você conhece o cara que conserta óculos, você conhece o cara que faz chave, você conhece o cara da padaria, e aí pronto. Aí o Centro de Vitória é a minha casa desde a década de 70.

Fernando é um homem de 51 anos e que vive em Vitória há 47 anos. Sua experiência individual nos remete aos efeitos da reconfiguração urbana sobre os empreendimentos comerciais localizados no bairro, onde seu pai abriu uma loja:

O comércio era bom, porque não existia shopping, não existia nada. Os bares todos... as pessoas vinham no centro pra fazer compra. Banco, era só no Centro, correio, era só no Centro, então tudo era no Centro de Vitória. Carnaval era a mesma coisa, a “cidade³” era toda enfeitada. Então valia a pena, sabe?

² Vila Velha e Serra são duas das principais cidades da Região Metropolitana de Vitória, ambas fazendo divisa com a capital.

³ Observamos a partir do Núcleo Capixaba de Estudos da Experiência Humana em Meio Urbano que a categoria “cidade” compõe o imaginário social local como categoria nativa que se remete ao Centro da capital entre seus moradores e usuários, “ir à cidade” servindo, sobretudo aos mais velhos, como sinônimo de “ir ao centro”.

“Com o passar do tempo, Vitória foi crescendo e a construção da rodoviária atrás do Parque Moscoso⁴ foi um grande marco”, como diz Fernando, “Graças a ela, muitas pessoas, muita mão de obra, estava vindo para a cidade”. Nesse contexto, sua família abriu o “primeiro hotel da Ilha do Príncipe”. Nas décadas seguintes, Fernando pôde acompanhar os impactos da reconfiguração do bairro, devido ao “esvaziamento e a falta de auxílio da prefeitura”. Na sua percepção, é a população local que mantém o dinamismo comercial do bairro, sobretudo os grupos socioeconomicamente mais vulneráveis:

A população que mora no morro, os moradores dos morros, como o Quadro, Caratuíra, Ilha do Príncipe, Vila Rubim, Piedade, essas pessoas, são essas pessoas que ainda mantém o centro. Se não fossem essas pessoas do morro, o centro com certeza estaria com todas as lojas fechadas.

Assim também ambos avaliam os efeitos dessas transformações segundo suas experiências. Izabel relata o fenômeno do ponto de vista da composição da população do bairro e se remete ao “Fenômeno dos Velhos”, ocorrido há uns 20 anos: “o Centro tinha virado um lugar apenas de pessoas idosas. Isso devido ao fato de que muitos moradores foram saindo, principalmente para a zona norte, e o Centro acabou ficando ‘abandonado’, no sentido de vazio”. Fernando denuncia os efeitos desse processo para o comércio local, afetado pelo surgimento de regiões subcentrais em outras áreas da capital e de sua região metropolitana.

“O PIB do Espírito Santo se encontrava ali”, narra Izabel. “Mas, com o tempo, foi havendo essa migração para a zona norte dessas pessoas de maior poder aquisitivo e as coisas começaram a mudar”. Se aos olhos de Izabel esse processo foi positivo para o bairro (“eu acho que o Centro se transformou num espaço mais democrático desde que eles foram embora, entendeu?”), para Fernando ele foi incisivo para o comércio local, o que levou à ruína muitos comerciantes que atuavam na região.

Dois dos nossos interlocutores mais ativos nas iniciativas comunitárias, Carolina e Emerson, também são migrantes e ambos chegaram ao bairro já na vida adulta, destacando-se como nossos interlocutores privilegiados desde o início da coleta de dados.

Carolina é originária de São Paulo, mas, por seu pai ser militar, ela “rodou muito do Brasil” antes deles virem para o Espírito Santo, em 1987. Por muitos anos ela viveu em Vila Velha e só veio morar no Centro a partir de 2014. Atualmente ela trabalha na prefeitura de Vitória e, apesar de o seu passado no bairro ser relativamente recente, ela relata ter sido “atraída pela sua história, cultura, efervescência” e confere destaque à sua relação com o lugar como “motivadora à sua atuação sobre o espaço”:

⁴ Bairro vizinho e que compõe a região do Centro de Vitória, no imaginário social local.

Eu tenho uma ligação muito grande e muito forte com o Centro de Vitória, com a cultura do Centro de Vitória, entendeu? E aí, quando eu vejo algo que pode ser melhorado, que pode ser mudado, que pode ser feito diferente... você dorme, descansa, acorda e fala: “vamo lá, que tem mais coisa pra fazer”. Até quando isso vai durar, eu não sei. Mas enquanto tá vindo, eu deixo fluir, deixa ir.

Emerson nasceu no Rio de Janeiro e, “devido a certas dificuldades que vivenciava por lá”, decidiu se mudar para Vitória, já que sua família paterna era originária da cidade. Sua conexão com o local remete de algum modo a esse passado vivido através dos seus antepassados, motivando a sua mudança para o bairro:

[...] logo no meu primeiro ano de... no meu primeiro trabalho de carteira assinada, eu recebi um convite de dois amigos, né? pra gente montar uma república. Eu ainda tava morando lá com meus avós e topei: “vão mesmo, vão montar”, e nós escolhemos uma casa lá em cima, lá perto da escola de samba [Unidos da Piedade] (Emerson).

Poucos meses depois Emerson iniciou sua participação na escola de samba local, envolvendo-se com as atividades comunitárias, o que o levou a liderar a chapa vencedora das eleições de 2015 para a associação de moradores do bairro.

Carla tem 37 anos e sempre morou na cidade de Vitória. Seus pais moravam na Enseada do Suá⁵ e, por estudar no Centro, ela sempre teve bastante contato com esse local. Quando fez 10 anos seus pais se mudaram para o Centro e lá ela permaneceu até a faculdade. Após alguns anos morando em outros estados, em seu retorno para o Espírito Santo, Carla optou pelo Centro: “chega uma hora que você acaba que quer uma rede de apoio, né? Tinha amigos, mas eu queria uma rede um pouco maior”, relata, justificando a opção por se instalar no bairro.

Felipe é quem, dentre nossos interlocutores, morou menos tempo no bairro, mas sua experiência como estudante, músico e produtor cultural, bem como a sua atuação como Secretário Estadual de Cultura, motivou a realização da entrevista. Optamos por entrevistá-lo dada a centralidade dos editais que a secretaria, coordenada por ele, promove para o desenvolvimento dos projetos culturais que transcorrem em nosso espaço de observação.

Os principais eventos culturais que compõem o calendário da capital são realizados na região central da cidade: O carnaval, o Viradão Cultural, os festivais de cinema, teatro e música, tendo em certos casos a Secretaria de Cultura como a instância promotora das atividades, senão importante parceiro financiador, direcionando de forma direta ou indireta parte da verba estadual para o bairro. O fato de Felipe já ter morado no local é de amplo conhecimento dos nossos interlocutores, sendo mencionado em diversas ocasiões, sobretudo no contexto da sua nomeação, como uma fonte de expectativas com relação à sua gestão.

⁵ Um dos bairros criados a partir do aterro da orla da cidade.

A programação dos eventos promovidos no Centro da capital, pela Secretaria de Cultura (em parceria com iniciativas privadas) ou com o seu apoio direto, levam a marca da valorização dos artistas locais, constituindo-se como oportunidades de divulgação da produção local em paralelo com a apresentação de artistas de expressão nacional. Essas atividades corroboram o imaginário do bairro como simulacro da cultura regional e patrimônio imaterial da cidade.

A posição que Felipe ocupa, e que motivou a sua seleção para as entrevistas, reflete-se em seus relatos. Nosso interlocutor, diferente dos outros, teve uma abordagem muito mais objetiva do que pessoal. Ainda assim, o bairro compõe suas memórias juvenis e marca suas experiências profissionais. O bairro, desta forma, foi endereço das experimentações que realizou ainda como estudante universitário e membro de um coletivo cultural: “era muito ligado nos debates da comunicação, questão dos direitos culturais e autorais, na questão da democratização da mídia”, e desenvolveu algumas das suas atividades no Centro.

Todos os nossos interlocutores falam sobre o bairro em referência às suas memórias e redes de relações, conferindo também destaque a sentidos de bairro compartilhados. Se a fala de Fernando enaltece a resiliência do comércio local e a de Izabel à capacidade do bairro resistir aos impactos das políticas públicas urbanas implementadas ao longo das últimas décadas, as falas de Carla, Emerson e Carolina remetem à sociabilidade de bairro como base de integração e meio de mobilização comunitária.

Izabel, Emerson, Carla e Carolina possuem uma vida pública muito ativa nesse espaço. Izabel destaca que as relações de vizinhança “são quase uma comunidade dentro de uma comunidade”, chamando atenção para as redes de sociabilidade que integra com os demais moradores. Do mesmo modo, sua fala remonta às atividades desenvolvidas no bairro como oportunidades de integração de uma comunidade imaginária, composta pelos moradores do bairro, bem como de convívio com os demais habitantes da cidade: “Aqui tem muitas atividades que são só do Centro. O Centro é da cidade. Não é nosso... dos moradores do Centro. Então vem gente de todos os lugares para o Centro. Mas tem coisas que nós fazemos só para nós”.

Para Carolina, as relações já estabelecidas com o bairro, através de amigos que já o habitavam ou da sua rotina de trabalho, que a obrigavam a por ele circular com certa regularidade, contribuíram para a sua rápida integração e ao seu engajamento nas ações comunitárias. Se o motivo declarado para sua atração foi “a cultura, o samba, a proximidade das coisas, não por ‘movimentos’”, as relações já estabelecidas com membros da Associação de Moradores do Centro de Vitória (Amacentro) propiciou seu rápido envolvimento com as diferentes iniciativas comunitárias atuantes no local. Nessas experiências “políticas por proximidade” (Cefaï, 2011a), redes de relações e redes de mobilização se confundem e retroalimentam: “E aí é legal, porque nessa caminhada a gente encontra outros parceiros, né, e aí você tem essa energia

renovada. Quando você cansa, te motivam, quando ele cansa, você motiva... E aí vem tudo junto”.

Para Carla, seu apego pelo bairro reflete as memórias construídas no lugar com sua mãe e sua avó. Suas memórias também se misturam com as memórias do bairro:

Eu sou de 83, né, comecinho de 90... Infância e adolescência, assim, passando por esse processo que era... [o bairro] tava caído. E, nossa! Eu saía de casa com as minhas amigas, adolescentezinha, ia no cinema lá na Princesa Isabel, a gente ia nas Lojas Americanas pra experimentar roupa.

Além das memórias, as características do bairro, no que se refere à qualidade e aos custos de vida e às pessoas, são especialmente destacados:

Tava falando isso com [uma colega de trabalho] [...] a gente, de vez em quando, entre os amigos do Centro, a gente fala “É uma bolha... a gente não consegue sair”. Porque tá muito próximo, tipo assim, você sai de casa, tem um boteco. Aí pra que você vai... a outro lugar? A cerveja... O litrão é dez reais, gente! Pra que que vou pagar mais, sabe? Aí você começa a pensar nisso, assim. Eu tô tentando esse esforço (Carla).

A diversidade do bairro, no que se refere à composição da sua população, aos modos de vida e comportamento e às moralidades em coexistência, é um ponto destacado positivamente por nossos interlocutores. Assim como o mencionado anteriormente, suas narrativas documentam as transformações experimentadas pelo bairro ao longo das últimas décadas, sua passagem de centro administrativo a centro histórico e simulacro da cultura local. Mas, apesar de todos questionarem as modalidades de gestão urbana em vigência e seus efeitos sobre a desvalorização do Centro de Vitória, a conformação do bairro, seu dinamismo e as experiências vividas nos seus espaços públicos são muito valorizadas como um efeito desse processo, que dota o espaço de um caráter mais popular e *alternativo*⁶:

É um povo muito legal né? Tanto o povo do “morro” quanto o povo “daqui de baixo”. Então, assim, é um povo alegre que gosta de vizinhança, que cultiva a vizinhança. Praticamente todas as pessoas se conhecem. Aqui têm muitas famílias que estão já na quarta geração, entendeu? Então, assim, praticamente todo mundo conhece todo mundo e todo mundo se encontra (Isabel).

Desta forma, mesmo entre os moradores mais recentes, como Emerson, destaca-se uma atração por um imaginário de lugar, reforçado pela identificação com os vizinhos que compõem suas redes de relações e pelas experiências vividas no bairro: “[...] aqui se vive bem, pra mim é o que eu consigo dizer daqui, né?”.

⁶ Categoria nativa que remete ao modo de vida pública vigente no local, ao tipo de moradores atraídos para a região mais recentemente e, sobretudo, a um imaginário de que o bairro é um espaço de vivências compartilhadas, regidas por uma gramática valorativa pautada na familiaridade dos seus habitantes com o local e entre si. *Alternativo* porque é peculiar na cartografia moral da cidade, peculiaridade atribuída à uma suposta maior informalidade no trato entre os atores em copresença em seus espaços públicos.

Nessas narrativas emergem os conflitos experimentados no local, como podemos observar na fala de Felipe, em função do processo de urbanização intensa ocorrido no final do século XX na capital capixaba e seus efeitos sobre a composição populacional:

Porque nós somos diversos, uma coisa clássica aqui [no estado], que nós temos muito, é essa formação de pessoas de outros estados, que vieram no meio do século passado, ou do meio pro final. Famílias, essa mistura de gente dos estados vizinhos. Sempre se fala muito do mineiro e do carioca, muito pouco ou quase nada do Baiano, e os baianos tão aqui totais (Felipe).

Finalmente, o elemento comum e que justifica a seleção de cada um dos nossos interlocutores é a posição que ocupam no cenário político local. Estamos lidando com dados coletados entre atores engajados em iniciativas que incidem diretamente sobre o bairro, em diferentes instâncias ou sob diferentes ângulos, e que compartilham de algum modo de um papel de liderança política e/ou cultural local, convergindo em determinadas ações e compondo iniciativas comuns. Carolina já tinha um histórico de “militância” quando ainda morava em Vila Velha:

Eu entrei na igreja através da Pastoral da Juventude e fiquei. Eu digo militar, porque a gente tava militando mesmo, né. Militei na Pastoral talvez por uns 4 anos, 5 anos, depois eu queria algo a mais, eu também já tava velha, tava passando da juventude. Me expulsaram de lá [risos] e aí eu fui trabalhar com crisma. Aí eu fui animadora de crisma por 10 anos lá na Paróquia Santa Mãe de Deus, que é no Ibes [...].

Em sua percepção, esse histórico torna o engajamento comunitário uma espécie de hábito, uma forma de se relacionar com o espaço que habita e com seus moradores, o que incide sobre a sua integração no novo local de moradia. Deste modo, estabelece relações pessoais através de práticas comunitárias de intervenção sobre o bairro, compondo a diretoria da Amacentro e mobilizando suas redes políticas de proximidade (Cefaï, 2011).

Para Carla, esse envolvimento parte da sua trajetória no bairro, o que motivou a escolha do seu objeto de estudo ao longo da formação da sua carreira como arquiteta e contribuiu para consolidar uma circulação circunscrita quase que exclusivamente à essa área da cidade:

Aí teve um outro problema né, na coisa da tese, então as cervejas eram sempre pra dar só uma descansada, sem pensar muito, sem se programar muito. Acho que quando você vai pra outros lugares, você, sei lá, pensa em como ir e tal, e procura a programação. Ali você sabe o que que é, vai tomar sua cerveja e tá tudo bem. Aí eu acabei não saindo do Centro não, é meio uma bolha. Estou nessa tentativa de furar a bolha.

Carla trabalha na prefeitura de Vitória, na Secretaria de Desenvolvimento da Cidade e, como arquiteta, defende uma “modalidade de gestão do bairro que leve em consideração o seu caráter como bairro vivido”, mais do que “patrimônio material”.

“Ao contrário do que alguns pensam”, como nos remete sua fala, não se trata de um “espaço vazio ou abandonado”. Deste modo, ela destaca a vivência de bairro e a dinamicidade que caracteriza o uso dos seus espaços públicos: “Muito pelo contrário, diversos eventos, feiras, comemorações ocorrem aqui e aqueles que de fato vivem nesse espaço conseguem ver isso apesar dos problemas que também existem aqui”. Os equipamentos públicos do bairro são deste modo valorizados pelos usos que lhes são atribuídos pelos próprios moradores:

E a praça, assim, que eu defendo a [Praça] Ubaldo Ramalhetete até, assim, que eu acho uma praça cheia de vida, tem usos todos os dias, assim, de manhã, de tarde e de noite, você tem usos diversos. Tem desde o morador de rua que tá lá, os velhinhos que jogam dama o dia inteiro [...]. E agora eu tô morando ali do lado e eu escuto “eles” brigando por conta do jogo da dama, é muito legal. Tem o pessoal que ensaia naquela quadra e joga o futebol; tem o pessoal que usa os equipamentos de ginástica; tem as crianças que brincam no parquinho enquanto os pais estão tomando cerveja na chopperia [...]. Tem o campeonato de taekwondo, tem a feira de manhã, tem o brinquedo de criança que eles instalam (aquelas coisas infláveis que instalam no sábado). O cara do trailer do lanche empresta a churrasqueira pro povo fazer churrasco, tipo numa segunda-feira, num dia mais calmo, assim, o povo faz churrasco ali na pracinha. Assim, eu acho fantástico, eu adoro aquela praça, fico super encantada.

Além de estar articulada em diferentes iniciativas de intervenção sobre o Centro, tanto acadêmicas quanto comunitárias, Carla tornou-se, ao longo do trabalho de campo, promotora cultural, atuando na organização de eventos e na valorização da cultura local do e no bairro.

Izabel, que possui uma carreira política como deputada federal e estadual, se orgulha em dizer que “o Centro é um espaço de muitas reuniões, sejam elas políticas, de movimentos, de partido, etc”. Por causa disso ela frequenta muitas escolas, igrejas, sindicatos, entre outros, colocando o bairro no centro do debate sobre os encaminhamentos que dizem respeito não apenas à capital, mas ao estado do Espírito Santo: “[...] o Centro, eu acho que é o bairro que retrata a cultura imaterial de maneira mais objetiva na Grande Vitória: é aqui no nosso Centro. Porque é por aqui que o povo que produz cultura fica e então a indústria imaterial fica muito aqui”.

Fernando possui uma longa trajetória política como representante da comunidade gay local, desde a década de 80. Para ele, o bairro fora espaço de resistência e fortalecimento do movimento, principalmente no período final da ditadura militar e os anos que se seguiram: “foram anos difíceis para essa comunidade”. “Eu comecei a frequentar ali o Centro como homossexual em 1983. Ou seja, em 85 era o final do militarismo. Eles estavam revoltados”. Por causa disso, “uma vida social como homossexual era algo complicado”, segundo seus relatos. A vida noturna não fugia desses problemas, mas foi no bairro que os primeiros bares e casas de show voltados a esse público começaram a surgir na cidade:

Tinha, tinha alguns bares. Mas muitos desses bares... tinha uns que nem podia se falar que era bar gay. Tinha que falar que era um bar, mas não podia ser taxado como bar gay. A gente sabia que era bar gay, mas era tudo “gueto”. Era tudo muito “gueto, tudo “gueto”, tudo muito escondido. As pessoas entravam muito discretamente para ninguém ver.

E foi como homem gay que Fernando construiu a sua carreira política a partir do bairro. Fernando se destacou como uma das drag queens mais conhecidas do estado, atuando em ações de combate à AIDS e de apoio às vítimas da doença, abrigando pessoas vítimas da homofobia e da estigmatização relacionada à doença no hotel da própria família e compondo redes de assistência na cidade de Vitória. Essa região contribuiu para a consolidação de espaços de sociabilidade voltados ao público homossexual no contexto pós-ditadura (Lima, 2021). Ele assumiu cargo na câmara de vereadores de Vila Velha em 2015 e se mantém como importante liderança política na comunidade homossexual capixaba até os dias atuais, bem como atua como comerciante, apresentando-nos uma interessante narrativa complementar aos demais posicionamentos aqui apresentados, estes que apontam para os problemas do bairro.

Emerson inicia a sua atuação comunitária a partir da escola de Samba Unidos da Piedade:

Até que veio, com a [uma amiga] ficou mais fácil, porque a [ela] chamou a gente pra ir numa reunião da escola de samba e nos apresentou né? Às pessoas né, daqui da região que são membro da escola de samba. [...] a gente se apresentou e ficou mais fácil da gente se inserir, conhecer o Centro naquele processo... naqueles processos né, de chegada aqui ao Centro de Vitória. Ah, a partir daí foi só assim, é, curtidão e ao mesmo tempo ia aprofundando amizades, [...] na bateria de escola de samba né, fui, fui ritmista durante uns seis anos da escola de samba [...].

E é através das amizades estabelecidas em suas vivências de bairro que se consolidaram suas redes de relações e foi traçado o caminho que o levou à presidência da associação de moradores.

Os problemas públicos do bairro a partir de seus públicos

Nossos interlocutores compõem de diferentes formas a arena pública de definição dos problemas do bairro que é nosso espaço de observação. Todos partilham de uma vivência de bairro, apontando para elementos comuns, assentados em experiências individuais, coletivas ou que se referem a um imaginário compartilhado sobre o Centro. Ao menos cinco deles estão articulados entre si por relações políticas de proximidade, apresentando experiências moldadas pelo compartilhar de uma vivência em comum e intensa no bairro. Por “proximidade” nos referimos ao que é vivido, que tem importância e pertinência na vida cotidiana, seus modos de uso, frequência e habitação do espaço (Cefaï, 2011A). Os relatos de Fernando, por outro

lado, cuja atuação nas ações comunitárias locais remete mais ao passado do que a um engajamento presente, não rompem com a narrativa dos demais no que se refere ao apego ao lugar. A relação desses indivíduos como membros atuantes em diferentes iniciativas de intervenção sobre o bairro constrói saberes próprios, e esses saberes locais alicerçam os processos de constituição de um público em torno da delimitação dos problemas do bairro.

Estamos lidando, portanto, com um conjunto de interlocutores e com um contexto de coleta de dados marcado por um alinhamento político, o que se reflete nas modalidades de gestão do Centro que defendem. Logo, os embates com a Prefeitura Municipal se destacam nas denúncias dos problemas do bairro reportadas pelas narrativas dos nossos interlocutores. “Toda vez que a prefeitura faz alguma intervenção no Centro é para atrapalhar. [...] Mas, normalmente, a prefeitura tenta impedir as nossas iniciativas e ela não tem iniciativa [efetiva] nenhuma aqui” (Izabel). Então, além de a gestão municipal do bairro não ser satisfatória à resolução dos seus problemas, ela também dificulta a realização dessas iniciativas de intervenção desenvolvidas pelos próprios moradores gerando, assim, insatisfação: “A gente tentava fazer alguma coisa e a Prefeitura não correspondia, tentava de um lado e batia com o outro [...]” (Carolina).

O modo como a questão da violência urbana, tema recorrente na mídia local, é abordado pelos nossos interlocutores também chama atenção. Por um lado, suas falas colocam em questão essa imagem do bairro como um lugar perigoso:

[...] a história que o centro de Vitória é um local mais violento de Vitória, que a gente não pode andar com celular, [...] porque a mídia faz isso todos dias e essa é uma luta que a gente tem de potencializar, é que existe crime contra o patrimônio: “violência”! Infelizmente isso acontece em todos lugares, e não é só no centro de Vitória. Mas, quando é no centro, dá ibope, quando é no centro dá capa da *A Gazeta*, é manchete no *ESTV*, na *Record*, entendeu? (Carolina)

Por outro lado, os relatos apontam para a inefetividade da gestão estatal em garantir a resolução dos seus problemas, por eles entendidos como correlatos à insuficiência da política de segurança pública, mas, sobretudo, ao “abandono” do bairro pelo poder público municipal.

O “abandono” remete ao processo de expansão urbana da capital e seus efeitos para o bairro, com a transferência de órgãos públicos e privados para outras áreas da cidade, bem como a atração da população mais abastada e de parte de seus moradores de classe média, que antes habitavam o Centro, para os novos bairros ditos “nobres”. Desde então o número dos imóveis em desuso só se amplia, produzindo uma paisagem de abandono, com fachadas em deterioração e que trazem risco para a população local. O Centro sofre com o reordenamento da oferta de serviços na cidade, perdendo o dinamismo de outrora. A prefeitura é acusada de não reconhecer o Centro como um

⁷ Se referindo a alguns dos principais veículos de mídia local.

bairro, investindo apenas na manutenção do patrimônio histórico ali localizado, de não aplicar medidas que incentivem ou fiscalizem o restabelecimento da função social desses imóveis, de não garantir a manutenção adequada dos espaços públicos do bairro, entre outras coisas.

As ações dos nossos interlocutores buscam intervir diretamente no enfrentamento desses problemas, seja promovendo atividades culturais que contribuam com a dinamização do local, seja executando os projetos que, em sua opinião, são de responsabilidade do poder público, como com relação aos imóveis em desuso⁸.

Carolina aponta que, para ela, a prefeitura (então sob a gestão do Prefeito Luciano Resende) é omissa, governando apenas de certo ponto em diante, “pulando” todo o Centro de Vitória: “De Bento Ferreira⁹ pra cá, você não tem uma preocupação muito grande em fazer um trabalho aqui. E é a parte mais antiga também. Não sei se dá mais trabalho, não sei o que ele [Prefeito] pensa, não sei... A gente nunca sabe o que é que passa na cabeça de uma gestão, mas a gente percebe isso”.

Fernando levanta um ponto bastante importante e que diz respeito aos desafios vivenciados pelos comerciantes locais: “[...] a gente tá vendo que, cada dia que se passa, você passa no centro, você vê uma loja fechada. Cada dia que passa é uma loja a mais fechada. Por quê?”. E ele atribui isso, principalmente, à “concorrência com os shoppings e às vendas pela internet”.

Garantir apoio aos eventos culturais promovidos nessa área da cidade, contribuindo para o seu sucesso, seria um dos modos de enfrentar esses desafios de modo favorável à dinamização do bairro, segundo Carla. Carolina, Carla e Felipe mencionam, sob ângulos diferentes, questões que envolvem o imaginário do bairro “de fora” e como isso o afeta internamente. Felipe reflete, abrangendo um olhar mais amplo, pra pensar o bairro:

[...] você tem tentado muito construir [...] essa reflexão sobre esse ser capixaba, entender que nessa diversidade, nesse mosaico, que a gente não precisa ficar o tempo todo se comparando com os outros estados [...]. E a gente fica muito as vezes nesse sentimento da grama do vizinho mais verde, que para fazer sucesso tem que sair, e esse tipo de coisa que de alguma maneira já está dentro da nossa cabeça, que a gente precisa ir quebrando aos poucos [...].

⁸ Em 2017 parte dos nossos interlocutores realizou, a partir da associação de moradores, um levantamento dos imóveis em desuso na região. A partir daí, iniciou-se uma campanha pela publicização do problema e que denuncia por descaso o poder público municipal. Desde então, esse público mobiliza campanhas de conscientização, demanda visibilidade na mídia e insiste para que a questão seja inserida na agenda política local.

⁹ Bairro localizado na região limítrofe entre a área central da cidade, e área de ocupação originária da capital, e os novos bairros, criados a partir das obras infraestruturais finalizadas na segunda metade do século XX.

Carolina e Carla são bem enfáticas sobre a questão relativa ao bairro, especificamente:

Me incomodava muito as pessoas falando “o Centro está esvaziado”, “o Centro tá vazio”, “tá abandonado”. E eu cresci no Centro num momento em que, academicamente se diz, que o centro foi esvaziado. Então começam muitas notícias sobre necessidade de habitação, a prefeitura também faz um esforço de revitalização, de obras, de reformas no Centro (Carla).

Apesar de se referirem à sensação de abandono do bairro e demandarem uma maior atenção pelo poder público, questionam o sentido que essa expressão assume no imaginário de bairro veiculado na mídia, bem como nas modalidades de gestão do bairro em vigência – e seus projetos de “revitalização”. A gestão via revitalização, na opinião de vários dos nossos interlocutores, é inadequada para garantir o reconhecimento da vitalidade do bairro e, portanto, das necessidades que o espaço apresenta para além da gestão do patrimônio: “Apesar do Centro ser um patrimônio histórico, ele [o patrimônio material], não é a única coisa histórica nesse espaço” (Carolina).

Mencionando práticas de sociabilidade correntes no bairro e destacando que “são as pessoas que fazem a história do local”, Carolina ainda se pergunta: “Como é que ficam essas pessoas? [...] Não é só o Centro que é histórico, tem muita gente aqui que nasceu em 1930, que tem uma vivência aqui que eu nunca vou ter, que ninguém aqui nunca vai ter”.

No que se refere aos conflitos entre moralidades em coexistência, Carolina insere a questão das diferentes vivências de bairro e aos usos dos seus espaços públicos:

Mas tem muita gente que já está aqui há muito tempo ou que encara o Centro de Vitória [...] que acha que o fato delas morarem aqui não dá direito a outras pessoas de aproveitarem o lugar, de estarem aqui também, de dividirem esse espaço, de dividirem essa história toda que tem aqui.

E a sua fala se remete, mesmo que indiretamente, aos conflitos gerados a partir dos inconvenientes decorrentes da realização de eventos culturais na região. Ela, enquanto produtora cultural, denuncia a negligência da Prefeitura, que não garante o apoio necessário à realização das atividades (com a instalação de banheiros públicos, a gestão satisfatória do trânsito ou o controle da emissão dos ruídos nessas ocasiões), e seu relato aponta para percepções inversas dos problemas, remontando posicionamentos de moradores que atribuem esses problemas aos eventos em si. Ela segue com exemplos práticos: “Essa irritante tentativa de fazer com que o Centro, depois das 21 horas, não tenha mais ninguém na rua”¹⁰.

¹⁰ Em referência ao projeto de lei municipal que propunha o fechamento dos bares a partir de determinado horário na região central da cidade (cf. Blanc, 2021).

Para ela, como para os nossos demais interlocutores, o dinamismo cultural do bairro é seu principal capital político, bem como importante vetor econômico. Não reconhecer esse valor seria colocar em questão o valor do próprio bairro, naquilo que em sua vivência o caracteriza:

E isso [ainda se referindo aos moradores que atribuem os problemas aos eventos em si] é uma tentativa constante de se tirar, de se abafar toda cultura que tem, de todo movimento cultural, efervescência cultural que tem aqui. Colocar dentro de uma caixinha pra funcionar de 8h às 18h, porque depois das 18h30 eu quero ir pra casa, eu quero silêncio absoluto no entorno do lugar onde eu moro, entendeu? A falta das pessoas verem o Centro, e aí nessa perspectiva que eu falei. Não é só ver o Centro como o local onde eu durmo, onde eu acordo, mas onde eu vivo (Carolina).

Nesse processo, é valorizada a sociabilidade de bairro, caracterizada por um modo de vida marcado pelo uso intensivo dos seus espaços públicos, o que alicerça ainda seu engajamento nas causas que lhe dizem respeito:

Então, se é o local onde eu vivo, é o local onde eu me encontro, é o local onde eu valorizo, é o local onde eu tenho as minhas relações, sabe? É o local que, se tem algum problema, eu tenho que estar lá pra ver qual é o problema, o que eu posso fazer pra ajudar (Carolina).

Em se tratando de atores engajados em iniciativas de requalificação do bairro que tomam a dinamização cultural como meio e recurso à inserção do Centro na agenda política local, observamos, em geral, no relato dos nossos interlocutores, como os problemas do bairro são atribuídos à gestão municipal, seja em origem (dada a negligência infraestrutural, de manutenção seus espaços públicos ou fiscalização dos imóveis em desuso, ou no apoio às iniciativas culturais), seja em consequência (incidindo sobre transtornos na realização das atividades culturais de iniciativa comunitária, que afetam negativamente os moradores¹¹, estimulando posicionamentos conservadores em uma parcela desse grupo).

Todas essas questões remetem aos saberes locais compartilhados e incidem sobre a definição dos problemas do bairro por nosso conjunto de interlocutores. Esses saberes se tornam

[...] uma caixa de ressonância, um “catalisador” e um “analisador”, que os traduz em linguagem inteligível para as agências técnicas e administrativas, para os políticos eleitos ou para os meios de comunicação de massa. Os membros permanentes da associação são vetores de intermediação, que coletam elementos de informação e análise na proximidade [...] (Cefaï, 2011a:14).

¹¹ E que dizem respeito a falta de oferta de banheiros públicos (e o consequente mal cheiro pós festividades), a falta de fiscalização (e o excesso de ruídos), a baixa efetividade da logística de circulação (e os engarrafamentos), entre uma série de outros serviços que deveriam ser garantidos pelo poder público municipal.

A má gestão da prefeitura acaba por resultar na maioria dos problemas supracitados, segundo os seus relatos. E, em seus pontos de vista, até mesmo a questão da percepção sobre o espaço também acaba por ser influenciada por esse fator, refletindo modalidades de gestão que partem de uma lógica revitalizadora patrimonialista histórica, exclusivamente, senão assentadas em uma *gramática liberal dos interesses individuais*¹².

Modalidades de gestão do Centro de Vitória-ES em disputa

As soluções apontadas mais destacadas por Izabel, Carolina, Felipe e Emerson foram as iniciativas culturais, de turismo, sociais, ambientais e de integração comunitária. Logo em seguida temos a questão do incentivo ao comércio e um melhor aproveitamento do espaço urbano, apontados especificamente por Fernando, Carla, Felipe e Emerson.

O dinamismo cultural do bairro aparece recorrentemente na fala dos nossos interlocutores como um valor atribuído ao lugar: “Então eu acho que a salvação do Centro é reconhecer que o Centro é um novo produtor cultural de cultura popular que tem na ilha e valorizar. Agora como a minha fé na prefeitura é baixa, mas nós temos entidades e organizações de muito respeito aqui no Centro”, como diz Izabel.

Em conformidade com esses relatos, foi observado que as iniciativas comunitárias desenvolvidas no bairro partem da sua dinamização cultural como principal recurso requalificador, contribuindo para a articulação de diferentes grupos de atores em redes de relações por proximidade e potencializando iniciativas interventoras diretas em seus espaços públicos. É como patrimônio histórico e cultural material e imaterial que o bairro atrairá ainda iniciativas acadêmicas, que contribuem para a sua visibilidade no contexto da capital:

E aí que é todo um debate não só da cultura, mas por conta da história política e social do estado ter surgido e se expandido a partir do centro de Vitória. Eles estão com um projeto que vai acontecer em maio, se eu não me engano, de um ciclo de debate, que chama “a partir do Centro”. E que tem esse conceito, que de fato, irradia, é muito potente, como paisagem urbana, como sítio histórico, espaço de boemia, espaço de centros culturais, de ateliês, poderia ser muito mais vibrante, poderia ter mais coisas, ter mais suporte pra isso, mas, de fato, o Viradão acontece ali, o carnaval de rua de Vitória que se fortalece de uns 3, 4 anos pra cá é protagonizado ali. (Felipe)

Tal visibilidade contribui para reforçar, nos nossos interlocutores, suas próprias percepções sobre o espaço, de certa forma cancelando um sentimento, mas também efetivando o projeto de cidade que assumem a partir dele:

¹² Voltada para a “neutralização sensível dos espaços, por meio da redução programada em direção à normalização, agenciada por um circuito informacional a serviço dos atores da cidade (cidadinos e empresários)” (Breviglieri, 2021:391).

Então de alguma maneira esse trabalho mais comprometido com a diversidade, com o respeito ao outro, com diversas vozes, convivendo no Centro com certeza não só na produção cultural, mas de uma maneira geral, ele tem isso, né? Você anda na rua ali você percebe pessoas diversas e essa diversidade (Felipe, seguindo em sua narrativa sobre o mesmo projeto acadêmico em atividade no bairro).

A partir desses enunciados, vai se consolidando um imaginário local no qual certas estratégias são formuladas como soluções possíveis para a transformação do bairro. Em uma perspectiva pragmatista atenta aos processos de construção dos problemas públicos (Cefaï, 2016), essas tomadas de posição podem ser compreendidas como formas situadas de publicização, por meio das quais atores ordinários participam da definição dos problemas urbanos e dos modos legítimos de intervenção. Assim, quando Izabel menciona a possibilidade de o Centro se tornar um polo gastronômico capaz de atrair um público de fora do estado, ela não apenas expressa um desejo, mas inscreve sua fala em um regime de expectativas em relação à ação pública e à sua capacidade de investimento: “Nós podíamos ser um polo gastronômico... o que falta é gente que pensa! E gente que pensa que eu tô falando é gente que está no poder público, gente que pode fazer investimento, porque o povo pensa, mas não tem de onde tirar recurso [...]”. Por outro lado, seria necessário mais do que meramente promover as iniciativas culturais:

Eu acredito que o que faltaria mesmo, vou ser muito sincero, seria dar uma transformação na arquitetura. A recuperação de alguns prédios antigos. Essa recuperação [...] seria, assim, um impacto, visualmente, seria esse. E também um incentivo para que as pessoas conseguissem pelo menos abrir um comércio com uma facilidade maior, ou seja, a pessoa que tem comércio no centro de Vitória teria isenção de alguma coisa, teria o apoio da prefeitura. A mesma coisa são essas pessoas que são donas de bares noturnos, que são donos de restaurante, de boates, de casas noturnas, tivessem esse apoio. Acredito que essas duas formas, visualmente, e depois num apoio de incentivo de alvará e tudo (Emerson).

Felipe também compartilha uma opinião similar quando ele diz:

[...] o desafio material maior é esse: da gente conseguir preservar os equipamentos privados e públicos dali, os dinamismos de ocupação de espaço, e junto com a prefeitura criar políticas de incentivo que estimule as pessoas a atuarem ali, isso que eu acho que falta um pouco, sabe?

Mesmo a dinamização cultural exigiria um suporte mais articulado com a gestão municipal, garantindo maior estabilidade aos comerciantes locais, como nos apresenta Izabel:

Então só a cadeia produtiva do carnaval dá pra você manter emprego e uma renda para centenas de pessoas durante o ano todo porque quando você termina o carnaval você começa o outro. Então você termina deste ano nós vamos ter carnaval em março, em abril já estaremos fazendo carnaval novamente. Podemos fazer carnaval durar mais tempo só com a nossa comunidade trabalhando, construindo fantasia, adereço, fazendo os carros, renovando instrumentos, fazendo as esculturas, poderemos e isso é emprego do ano inteiro pra costureira,

pra soldador, pra artista que mexem com pintura e coisas desse tipo. Pessoa que trabalha mais com adereços, os adereços são muito elaborados. Pode sim se tornar mais um instrumento para gerar renda para os moradores locais.

Felipe, como Secretário de Cultura do Espírito Santo, falou um pouco dos direcionamentos tomados durante sua gestão e que potencializariam esses processos localmente, também em favor do bairro:

Então a gente focou muito, principalmente nesse primeiro ano de gestão, no entendimento, no mapeamento do estudo, e na construção de políticas complementares, que consigam minimamente dar alguns passos nesses sentidos da complementaridade. [...] questão da sustentabilidade econômica. Da valorização desses fazeres da cultura a partir da cultura, dos fazeres criativos, como um modo possível de você sobreviver e viver daquilo.

Ademais, Carolina destaca a atuação de sua Associação Cultural Capixaba (CUCA), envolvida com a educação e em projetos que visam “uma formação social engajada nas causas que fazem diferença e transformem não só o indivíduo, mas a comunidade”. Se referindo a problemas da ordem da manutenção dos espaços públicos do bairro, Carolina demonstra bastante entusiasmo quanto a formas de mudar a relação dos moradores com a produção e descarte de lixo, tanto reduzindo a quantidade de resíduos quanto num melhor descarte deles. “É uma riqueza que é colocada todos os dias ali na esquina, onde a prefeitura, às vezes, gasta milhões pra poder pegar aquilo e jogar e descartar de qualquer forma, porque aquilo é dinheiro, porque você pode aproveitar a casca, você pode aproveitar isso, você aproveita aquilo”. O que se desenvolve com “formação... Oficinas, formações, atividades culturais, projetos [...]”.

Nossos interlocutores não apenas denunciam os problemas do bairro em suas falas, como também apontam para soluções, colocando em movimento diferentes percepções sobre esse espaço, senão entre si, entre grupos de moradores e, sobretudo, com relação à gestão municipal do território. Foi observado ao longo de trabalho de campo como o Centro é palco de seguidas iniciativas comunitárias de intervenção em seus espaços públicos, ações que vão desde a resolução dos problemas de descarte do lixo, até iniciativas de conscientização com relação ao estado de conservação dos seus equipamentos (Blanc, 2021). Por outro lado, os relatos aqui levantados apontam para um conjunto de problemas que persistem ao longo do tempo e cuja solução, do ponto de vista dos nossos interlocutores, requer alterações nas modalidades de gestão do bairro pelo poder público municipal.

Considerações finais

De acordo com Gomes (2007), as cidades, dentro de seus processos de desenvolvimento histórico, acabam tendo sua classe média e indústria movidas para

as regiões periféricas e os antigos centros, ainda habitados, passam a ser espaços propícios ao estabelecimento de relações sociais próximas, redes de vizinhança e de solidariedade e, também, de um sentimento de pertencimento. Nos interessou remontar, neste sentido, as trajetórias individuais dos nossos interlocutores nesse espaço, que é também objeto das intervenções das quais tomam parte, para compreender os sentidos por trás dos seus engajamentos em processos de definição dos problemas do local e seu enfrentamento direto.

A análise dos dados, conduzida segundo os princípios da teoria fundamentada (Strauss & Corbin, 1990), permitiu apreender, para além das trajetórias individuais, os modos situados de produção dos problemas urbanos. Em diálogo com a perspectiva de Daniel Cefaï (2016; 2017; 2011a; 2011b), observa-se que esses atores participam ativamente de processos de publicização, nos quais experiências ordinárias são formuladas como questões coletivas, passíveis de intervenção. Longe de refletirem uma realidade dada, seus discursos contribuem para a definição dos problemas, a hierarquização das prioridades e a delimitação dos modos legítimos de ação no bairro.

Observamos como os nossos interlocutores compartilham de uma relação com o Centro de Vitória, marcada por processos situados de construção de sentido e de publicização, a partir dos quais se configuram referências coletivas ou individuais estabelecidas em relação a esse espaço. Neste sentido, observamos em nosso espaço de observação e nos relatos obtidos entre um grupo particular de atores engajados na sua requalificação como

[...] as relações de amizade que se estabelecem [...], mais do que os laços familiares e as relações de vizinhança, contribuem não só para a integração dos residentes na zona [central das grandes cidades], mas também para um sentimento de satisfação relativamente à vivência naquele espaço urbano (Gomes, 2007:29).

Deste modo, o Centro de Vitória não é apenas um espaço de moradia para essas pessoas, mas um espaço de sociabilidade, cultivo e, por isso, ação política. A experiência de associação em ações comunitárias contribui para o estabelecimento de uma forte solidariedade interna que se mantém devido ao engajamento voluntário dos indivíduos, assim tendo grande capacidade de resposta à fluidez do ambiente graças à proximidade às preocupações do mundo ordinário e a flexibilidade de sua gestão, assim como o observado por Cefaï (2011b). Essas experiências fomentam o debate em torno dos problemas públicos do bairro, já que o “próprio de uma mobilização não totalmente rotineira é que ela abala o consenso presumido da experiência do senso comum e põe à prova a atitude natural dos indivíduos que a compõem” (Cefaï, 2017:27), contribuindo deste modo para a transmutação dos interesses individuais em bens coletivamente definidos como comuns.

No âmbito da política do próximo, os atores, ao agirem em comum, valorizam suas experiências vividas e compartilhadas, seus saberes locais e seus laços pessoais próprios, assim como observamos já nos relatos dos nossos interlocutores. Mas, ao mesmo tempo, devem reenquadrá-los em relação aos desafios públicos e, por vezes, até mesmo descartá-los para argumentar e fazer sentido face a outras instituições, em outras esferas de ação e diante de outras cenas públicas (Cefaï, 2011a). Deste modo, assim como o apontado pelo autor em seu espaço de observação, vemos como

[...] a definição da situação de reabilitação do bairro se apoia [no contexto por nós analisado] em saberes locais, relativos às formas de vida associativa próprias de um território, aos usos de lugares semipúblicos e públicos, às práticas de solidariedade e de ajuda mútua entre vizinhos; como também saberes referentes ao estado de deterioração dos imóveis, às necessidades de áreas livres de jogos para as crianças e de espaços de integração para os adultos, à necessidade de expansão do pátio de recreio de uma escola ou de um asilo para pessoas idosas. Estes saberes locais são compartilhados pelos moradores no seu cotidiano ou estão ligados à frequência assídua desses lugares (Cefaï, 2011a:13).

Apesar da diversidade de narrativas sobre os problemas públicos do Centro que encontramos, nossos interlocutores não se opõem em seus relatos. Na verdade, compõem um público articulado em torno dos problemas do bairro e apresentam narrativas convergentes sobre o que julgam serem os seus problemas.

Muitos dos problemas apontados são atribuídos à negligência da gestão da prefeitura e, ao observamos suas iniciativas e propostas de resolução, identificamos que o poder público municipal é percebido como um opositor, por não contribuir com a plena realização das intervenções comunitárias em andamento, em seus pontos de vista.

O modelo de gestão pública do bairro instaurado nas últimas décadas se identifica com uma gramática liberal de interesses individuais, consoante a um processo de mercantilização da cidade a partir da construção de uma imagem pautada em estereótipos de autenticidade (Breviglieri, 2018): suas referências históricas e culturais, no caso estudado (cf. Blanc, 2021). Um modelo de gestão incapaz de gerir os conflitos que emergem da pluralidade de interesses em jogo e que coexistem nesse contexto, mais especificamente, aqueles que dizem respeito ao caráter do bairro enquanto espaço vivido, mais do que mero sítio histórico.

Apesar do engajamento comunitário em ações de intervenção sobre esse espaço, e da publicização dos seus problemas, as moralidades em coexistência e a modalidade de gestão vigente, pautadas na neutralização dos conflitos, em detrimento da consideração política dos bens fundamentais plurais, incidirem sobre o potencial de mobilização comunitária ao longo do tempo, assim como o observado em Blanc (2021).

Finalmente, as trajetórias biográficas aqui apresentadas nos permitem ainda remontar a história do bairro de um ponto de vista microssociológico, enriquecendo a compreensão das experiências de cidade vividas.

Referências

- AGIER, Michel. (2011) *Antropologia da cidade*. Lugares, situações, movimentos. São Paulo, Editora Terceiro Nome.
- BREVIGLIERI, Marc. (2021) “Uma Brecha Crítica na “Cidade Garantida? Espaços Intermediários e Arquiteturas de Uso”. *Revista Antropolítica*, n. 52, pp. 375-416.
- CEFAÏ, Daniel. “Públicos, problemas públicos, arenas públicas...” *Novos Estudos CEPRAP*, São Paulo, v. 36, pp. 187-213, 2017. [Consult. 10-06-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.25091/S0101-3300201700010009>
- CEFAÏ, Daniel. (2016) *L'expérience des problèmes publics*. Paris, Éditions de l'EHESS
- CEFAÏ, Daniel. (2011a) “Como uma associação nasce para o público: vínculos locais e arena pública em torno da associação La bellevilleuse em Paris”, in D. Cefai, F. R. Mota; F. B. Veiga e A. S. Mello. (orgs.). *Arenas públicas. Por uma etnografia da vida associativa*. Niterói-Rio de Janeiro, EdUFF, pp. 67-102.
- CEFAÏ, Daniel; VEIGA, Fábio B.; MOTA, F. R. (2011b) “Introdução”, in D. Cefai, F. R. Mota; F. B. Veiga e A. S. Mello. (orgs.). *Arenas públicas. Por uma etnografia da vida associativa*. Niterói-Rio de Janeiro, EdUFF, pp. 9-63.
- CHEYNS, Emmanuelle; THEVENOT, Laurent. (2019). “Le gouvernement par standards de certification consentement et plaintes des communautés affectées”. *La Revue des droits de l'homme*, v. 16, pp. 1-33. [Consult. 10-06-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.4000/revdh.6843>
- GOMES, Carina. (2007) “Viver no centro da cidade: Práticas, discursos e representações sobre a Baixa de Coimbra”. *Oficina do CES* n.º 280.
- GORELIK, Adrián. (2005). “A produção da “cidade latino-americana”. *Tempo Social*, v. 17, n. 1, pp. 111-133. [Consult. 10-06-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000100005>
- LIMA, Anderson de S. (2021). “*Sociedade não tão secreta das bichas: a boate Eros como espaço livre*”. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). PPGSP, Universidade Vila Velha.
- NÉSPOLI, Amanda V. (2016). *Qual é o Rock hoje? Empreendedorismo cultural no Centro de Vitória – ES*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). PPGSP, Universidade Vila Velha, Espírito Santo.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. (1990). *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques*. Newbury Park, Sage Publications.

Manuela Vieira Blanc

 <https://orcid.org/0000-0003-0595-7875>
 <http://lattes.cnpq.br/4123521447980536>

Pós-doutora em Antropologia pela Universidade Paris Nanterre, França. Professora do Departamento de Sociologia e do Programa em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. E-mail: manuela.blanc@ufes.br

Bárbara Vitor de Aquino e Souza

 <https://orcid.org/0000-0002-1602-1979>
 <http://lattes.cnpq.br/4070975576709022>

Doutoranda em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Mestra em Sociologia Política pela Universidade Vila Velha (UVV). E-mail: bvtraquino@gmail.com

Lucas Torres Liguori Palhares

 <https://orcid.org/0000-0001-7804-7528>
 <https://lattes.cnpq.br/3205484399736513>

Graduado bacharel e licenciatura em ciências sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Membro do grupo de pesquisa Urbes: núcleo capixaba da experiência humana em meio urbano, sob orientação da professora doutora Manuela Viera Blanc. E-mail: lucastlp2206@gmail.com

Revisão técnico-gramatical

Richard Winckelmann Momente¹³

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesses de natureza pessoal, comercial, política, acadêmica ou financeira relacionados à pesquisa, à análise dos dados e/ou à redação do manuscrito.

Financiamento

Os resultados apresentados neste artigo foram obtidos ao longo do desenvolvimento de pesquisas financiadas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) – Edital nº 03/2021 – Universal, Projeto “Criminalização da pobreza e policiamento dos problemas sociais: uma análise da gestão urbana estatal no Espírito Santo – Brasil (2011-2021)”, registro 450/2021.

¹³ E-mail: richard.litp@gmail.com

Uso de IA

Não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial.

Disponibilidade de dados

Os dados utilizados e analisados neste estudo que não estão apresentados no corpo do manuscrito compõem o banco de dados do Grupo de Pesquisa Diretório do CNPq Urbes: núcleo capixaba de estudos da experiência humana em meio urbano, acervo restrito por questões éticas e legais.

Contribuições de autoria CRediT

Todos os autores: Conceitualização (Conceptualization); Investigação (Investigation); Metodologia (Methodology); Análise formal (Formal analysis); Administração do projeto (Project administration); Redação – rascunho original (Writing – original draft); Redação – revisão e edição (Writing – review & editing).